

# A CLÍNICA DO SENSÍVEL, O SENSÍVEL NA CLÍNICA: O TRABALHO ESTÉTICO DA ESCUTA

THE SENSITIVE CLINIC, THE SENSITIVE IN THE CLINIC:  
THE AESTHETIC WORK OF LISTENING

Liza Sanvito Andreatza Corso<sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo dos fragmentos que dizem respeito ao primitivo de pacientes neuróticos e dos movimentos contratransferenciais vividos na clínica, irrompem as interrogações: Como se coloca o sensório, o estético, na teoria e na escuta analítica? Como se dá o trabalho estético da escuta e na escuta em sessão? Alicerçando-se nesses questionamentos, o presente trabalho busca descortinar a potência da vivência transferencial através da qual se fará possível desvelar impressões sensoriais e memórias corporais. Refletindo acerca dessas indagações, proponho movimentar essa temática a partir do olhar delicado de Sebastião Salgado e da compreensão teórica e técnica tencionada por I. Fontes, P. Fédida, S. Ferenczi e S. Freud, fazendo trabalhar a relevância do conceito a partir do atravessamento do sensível.

**Palavras-chave:** Estética. Psicanálise. Sensível. Sensório. Transferência.

*Abstract: Starting from the fragments that concern the primitive in neurotic patients and the countertransference movements experienced in the clinic, some questions arise: What is the sensory, the aesthetic, like in psychoanalytic theory and listening? How does aesthetics 'of' listening and 'in' listening work in session? Essentially based on these questions, the present work seeks to unveil the power of the transferential experience through which it will be possible to reveal sensory impressions and body memories. Thinking about these inquiries, I suggest moving through this theme from the delicate eye of Sebastião Salgado and the theoretical and technical understanding intended by I. Fontes, P. Fédida, S. Ferenczi, and S. Freud, working the relevance of the concept through the sensitive.*

**Keywords:** Aesthetic. Psychoanalysis. Sensitive. Sensory. Transference.

## INTRODUÇÃO

Quando me viam, parado e recatado, no meu invisível recanto, eu não estava pasmado. Estava desempenhado, de alma e corpo ocupados: tecia os delicados fios com que se fabrica a quietude. Eu era um [des]afinador de silêncios. Mia Couto

Eis o início de mais um caminhar, de mais uma caminhada, na jornada que é uma formação psicanalítica. Pego-me refletindo sobre como começar

<sup>1</sup> Psicóloga, psicanalista em formação e membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.  
E-mail: lizacorso@outlook.com

esta escrita, sobre como iniciar esse trabalho. Dessa reflexão, surge e urge um pensar: o trabalho do analista em formação não é finito, não termina, então como não pensar este(s) trabalho(s) como um processo?! Na continuidade do trabalho da formação em mim, o sempre novo que já foi e que sempre será – o que não se faria possível se não houvesse, em princípio, o desejo. Desci em águas profundas, me surpreendi com o que encontrei e agora, das águas em que me banhei, transformo na possibilidade de me questionar quanto àquilo que em si me impulsionou a querer entrar nesta experiência oceânica, a transferência.

Ao longo destes anos, ínfimos comparados com o que ainda há por caminhar, deparo-me com a complexidade posta no detalhe do sentir. Quando me refiro ao complexo, tomo como pressuposto o conjunto – como um todo – de particularidades que integram o fazer analítico, assim como o formar-se analista. O sentir se coloca de diferentes formas e em diferentes compreensões neste percurso: quem sente e fala, de quem escuta e sente, de quem sente e escuta, de quem sente, escuta e fala e de quem não sente, nem fala, mas faz. Com isso, questiono: como dar um destino a esse montante sensível que transpassa tanto o analista em seu processo como aquele outro que se coloca à nossa frente?! Nessa etapa tão inicial do vir a ser, tomados de interrogações, como escutar aquilo que paira no campo, no “entre”, da ordem do sensorial ou, como diz Fontes (2010), da “memória corporal do paciente”?! Como escutar aquilo que cala no silêncio do outro ou, como refere Schiller (1993, p. 29), como se manter “entre o conceito e a concepção, entre a regra e o sentimento”?

Nesse sentido, proponho esta escrita, pensando como ponto de encontro do quiasmo – sensível do analista, analista sensível – a transferência e a aposta do(s) encontro(s) que respaldam o sentir clínico e a ética/estética da escuta.

A partir de experiências vividas na clínica, me interrogo quanto à potência da vivência transferencial a ponto de despertar memórias corporais e impressões sensoriais mais primitivas do sujeito e, contratransferencialmente, no analista em formação, em sessão. Pensando nesses casos como precedentes de uma neurose de transferência, volto a questionar: qual o lugar que toma o sensorial, o estético, na escuta? E, talvez, mais além: como se dá o processo de escuta?

Refletindo acerca dessas indagações, as quais têm desacomodado, proponho movimentar essa temática a partir do olhar delicado de Sebastião Salgado, da compreensão teórica e técnica tencionada por I. Fontes, D. Anzieu, P. Fédida, S. Ferenczi e S. Freud, fazendo trabalhar dentro de mim o exercício analítico, bem como a relevância da ética do cuidado a partir da escuta da transferência e contratransferência.

#### DA EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO À TRANSFERÊNCIA

Eu quero amar, amar perdidamente!  
 Amar só por amar: Aqui... além  
 Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
 Amar! Amar! E não amar ninguém!  
 (...) [...]  
 E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
 Que seja a minha noite uma alvorada  
 Que me saiba perder... para me encontrar...  
 Florbela Espanca

Pensar na estética da clínica é partir da ideia de que o outro posto à nossa frente, assim como nós, enquanto sujeitos e em uma relação, causa efeito. Como esse efeito se inscreve e de que forma a relação se estabelece são interrogações de extrema valia que impulsionam a reflexão acerca do que está por vir, do que está por ser construído. Muito já sabemos a respeito de encontros os quais, devido à impossibilidade de falar, dizem-se da forma que se é possível dizer – no campo transferencial e contratransferencial –, assim viabilizando uma fresta à qual se faz possível – através do trabalho interno do analista – dar contornos, formas e palavras. A fim de fazer trabalhar a experiência vivida, proponho pensarmos os fragmentos que dizem respeito ao primitivo na clínica de pacientes neuróticos.

Em seu escrito sobre lembranças encobridoras, Freud nos diz que “não se discute o fato de que as experiências dos primeiros anos da nossa infância deixaram marcas indeléveis nas profundezas de nossas mentes”, acrescentando que:

o enigmático reside no fato de que estamos sob o jugo ou sob o efeito, durante toda a nossa vida, dessas impressões precoces. Esse efeito é o infantil que perdura em cada indivíduo. E o que nos deixa perplexos é que essas impressões precoces, as mais poderosas e soberanas pela vida inteira, não têm necessidade de deixar atrás de si uma imagem mnemônica (Freud, 2006b, p. 291).

Então, como escutar essas impressões precoces que todos carregamos, por vezes isentas de representações, que se fazem dizer? Férida nos responde: “é pela transferência que se enuncia repetitivamente no presente o impronunciável do infantil” (1988, p. 1985). E arrisco a prosseguir: não tão somente via transferência como também na regressão alucinatória da transferência, no campo analítico.

Ivanise Fontes, em seu livro *Psicanálise do sensível*, traz à luz a temática da memória corporal e a transferência, assinalando que “a problemática se inscreve num eixo doutrinal que supõe que uma memória corporal, constituída de fragmentos de impressões sensoriais da tenra infância, é despertada no curso de uma análise pela *regressão alucinatória da transferência*” (2010, p. 16). A partir disso, parece lícito começarmos explanando brevemente o desenvolvimento teórico acerca do conceito de “transferência”.

Em 1895, 1900 e 1905, em *Estudos sobre a histeria*, *A interpretação dos sonhos* e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o termo transferência aparece como um deslocamento do investimento no nível das representações mais do que como uma peça da/na relação, e onde encontramos o prelúdio de duas noções muito caras à psicanálise: transferência e resistência – aqui ainda não se atribui o valor estético na qualidade da relação. Quatro anos mais tarde, em 1909, Sandor Ferenczi problematiza a temática, trazendo como uma dentre tantas contribuições a observação sobre os movimentos transferenciais. Entende que todas as relações – analíticas ou não – são permeadas pela transferência, porém a diferença se dá a partir do/no *setting*, onde o sujeito estará assegurado pela neutralidade e abstinência (conceitualizados mais tarde) do analista, permitindo-se, inconscientemente, colocar este outro que o escuta no lugar parental.

Em 1912, Freud enuncia a diferença na qualidade. Escreve que, em situação analítica, esta se coloca de forma mais intensa devido ao fato de que todas as imagos são transferidas para a figura do médico. Mais tarde, com a *História*

de uma neurose infantil – Homem dos Lobos –, discrimina o sentimento dos pacientes em relação ao analista como manifestações de uma relação recalcada com as imagos parentais. Nesse mesmo ano, e não coincidentemente, o autor aborda a temática da contratransferência, a qual retomará em *Observações sobre o amor transferencial*. Pontua a complexidade do processo transferencial, alertando: “Para o médico, o fenômeno significa um esclarecimento valioso e uma advertência útil contra qualquer tendência a uma contratransferência que pode estar presente em sua própria mente” (Freud, 1915[1914], p. 167) – é de extrema valia assinalar que, nesse momento de sua obra, concebia a contratransferência como um fenômeno a ser evitado. Freud compreendia-a como denúncia de pontos cegos do analista, que, portanto, poderia interferir na escuta analítica.

A partir de Ferenczi amplia-se esse conceito, tomando qualidade estética, ou seja, passa a ser compreendido como o ressoar do analisando no analista, tornando-se um compromisso ético o exercício de interrogar-se frente ao sentir.

Em 1912, na *Dinâmica da transferência* – primeiro escrito dedicado exclusivamente a essa temática –, Freud, no intuito de fazer trabalhar a interrogação em relação à resistência, distingue os dois tipos de transferência: positiva e negativa. Fazendo o exercício de retomar a história da obra e, assim, dar vida à compreensão, podemos pensar na conceitualização da terminologia nesse momento como forma de o autor dar um destino ao experienciado (caso Anna O e Dora), assim principiando a construção do conceito. Ida Bauer convoca Sigmund Freud a ocupar o lugar de objeto amoroso; ao recusar a demanda, ele acaba por desencadear uma resistência negativa por parte da paciente – aqui deve-se pontuar a importância que a abstinência toma ao longo da obra. Nesse texto, Freud compreende a transferência como repetição necessária ao trabalho de acesso às fantasias recalcadas infantis. Suas manifestações atualizam no “aqui e agora” da situação analítica, abrindo a possibilidade de acesso à direção do inconsciente. Assim, a transferência é compreendida como reedições dos clichês estereotípicos na constituição do psiquismo do sujeito na primeira infância, ou seja, não nos satisfaz mais pensar como única possibilidade de protótipo a imago paterna, como anteriormente, podendo agora ser compreendida como ligada à imago materna e fraterna. Ao final do texto supracitado, lança mão do termo alucinação como via de comunicação, propiciando abertura para o desdobramento futuro a respeito da sensorialidade. Escreve: “impulsos inconscientes não desejam ser recordados da maneira pela qual o tratamento quer que o sejam, mas esforçam-se por reproduzir-se de acordo com a atemporalidade do inconsciente e sua capacidade de alucinação” (Freud, 2015, em *Sobre a dinâmica da transferência*, p. 118).

Aspirando nessa direção sensorial-qualitativa da relação analítica, S. Freud, em 1920, cunha o termo neurose de transferência, reforçando justo a potência sensível do encontro e onde advirá a possibilidade de intervenção; conta-nos:

Os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda se acha incompleto; imaginam sentir-se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e a tratá-los friamente; descobrem objetos apropriados para seu ciúme; em vez do nenê apaixonadamente desejado de sua infância, produzem um plano ou a promessa de algum grande presente, que em via de regra se mostra não menos irreal (Freud, 1976a, p. 32).

## ARTIGO

Dessa forma, faz-se possível compreender a torção do conceito e, como acrescenta Kupermann em *Presença sensível*, a sua íntima vinculação à “qualidade da experiência afetiva estabelecida no curso de uma análise. [...] A transferência aponta para a dimensão estética da clínica, sendo a qualidade do encontro afetivo o que pode conduzir à criação de sentidos na experiência psicanalítica” (2008, p. 76). A partir dessa abertura, aproxima a poética do que banalmente acabamos por transformar o que chamamos de “escuta”.

Freud reconhece que a prática psicanalítica, originalmente uma “arte interpretativa”, em frente ao fenômeno da compulsão à repetição, passaria a privilegiar, lado a lado com a interpretação, os afetos vividos na relação transferencial. A experiência analítica ficaria, assim, menos referida ao seu registro inteligível, e mais atenta ao campo do sensível e do que nele se pode produzir como sentido (Kupermann, 2008, p. 80).

Pensando nessa direção, a partir da evolução do conceito, faz-se possível ter uma breve ideia do que é a definição conceitual de transferência. Digo “breve” e “conceitual” acreditando que só é possível narrar aquilo que já foi antes vivido e experienciado. Dessa forma, entendendo ser uma experiência viva do inconsciente e que narrar mais do que teorizar pressupõe sentir, entendemos o lugar de significância em que a análise pessoal do analista se coloca. Alavanca o reconhecimento do sujeito do inconsciente e reafirma a máxima: só existe análise porque existe o desejo de saber de si. Desencarcerar-se para que o outro possa tomar em si o sujeito que é e, nesse movimento, nessa relação onde um sente o outro, onde se cria um terceiro a partir da dupla, fazer-se a possibilidade do vir a ser.

Dessa mesma forma, parece ser viável pensar na construção e estruturação do termo. Freud parte do concreto teórico deslizando até a estética da vivência. No prelúdio, encontramos o pai da psicanálise ocupado em firmar o conceito; passam-se alguns anos e o efeito do outro toma espaço, trazendo à tona aquele que deixa-se afetar – agora não temos tão somente um cientista, mas um esteticista. Jamais será apenas um conceito, e talvez essa seja a dificuldade de traduzir em palavras, eis nosso trabalho.

Alicerçando-se na potência do encontro, tramita-se a não palavra promovendo o trabalho daquilo que não se diz, mas faz dizer dentro do único que o outro é, da singularidade que carrega. O efeito das quantidades e das qualidades marcadas desde a tenra infância forma uma rasura na construção de base do sujeito que sofre; este mesmo sujeito (por vezes assujeitado e entrincheirado dentro de si) chega aos consultórios buscando um espaço, um lugar para subjetivar-se e por aí deixar de ser para vir a ser. Na peculiaridade de como esse outro vai entregar-se à escuta, se desvelará no campo da percepção e na diferença da repetição no campo transferencial a dor que carrega.

Esse sujeito chega carregado de marcas vividas nos primórdios, em princípio marcado pela falta. Sem palavras, comunica-se através da transferência em busca de nomeação. Pensando esse sujeito que se faz dizer pela via da não palavra, entendemos aí que o trâmite comunicacional se dá pela via do polo perceptivo, ou seja, a marca indelével que fala através desse sujeito que nos busca se faz viva desde o princípio da sua constituição psíquica.

Mediante o sensível do analista, torna-se possível transmitir aquilo que é do incomunicável, compreendendo o complexo orquestral que berra no sujeito e permitindo, pela nomeação sensível, que possa identificar dentro de si aquilo

tudo que parecia desafinado. Através do movimento ritmado desse que escuta o sensível do que comunica, vai-se construindo uma nova marca que impulsionará a possibilidade de simbolização. Nesse momento, perguntamo-nos: “Como se dá esta escuta e de que forma a transformamos em intervenção possível?”

## A ESTÉTICA DA ESCUTA

... essa atividade exige muito esforço, pois, se o filósofo pode deixar descansar o seu poder imaginativo, e o poeta, o seu poder de abstração, então eu, nessa forma de produção, preciso sempre conservar as duas forças em igual intensidade.  
Friedrich Schiller

Retomando o trabalho de 1895 *Projeto para uma psicologia científica*, aproximamo-nos do processo de constituição das marcas psíquicas e, em sua totalidade, da constituição do psiquismo em si. Sendo assim, proponho revisitar o manuscrito para melhor compreensão do processo de alucinação e da analogia da escuta sensível proposta neste trabalho. É importante ressaltar que o “sensível” pressupõe referência ao polo perceptivo – descrito no texto supracitado e destacado no capítulo sétimo de *A interpretação dos sonhos* de 1900.

O sujeito nasce desamparado por essência, prescinde do outro não tão somente para que realize uma ação que diminua ou ponha fim ao estado de tensão, mas para que a partir disso possa vir a ser justo aquilo que nos diferencia – um sujeito singular repleto de pluralidades de ordem afetiva e sexual. Partimos de um corpo que urge por fazer-se dizer. Mediante uma necessidade que excita, busca a imagem mnêmica catexizada através de vias facilitadas. A partir de um estado de desejo, investe na imagem anteriormente associada ao prazer, regredindo a um estado de alucinação do desejo – esse movimento se dá pela via da percepção, que visa a restabelecer a situação da primeira satisfação. Porém, o alucinar não dá conta da necessidade real que se coloca, o corpo segue por se queixar, se impõe, não cessa. Esse que está inaugurando-se enquanto sujeito percebe-se faltante, frustrando-se. Agora, aquilo que internamente fazia barulho externaliza-se. Berrando, chorando, reclamando, faz-se escutar por aquele que acolhe e nomeia – nesse caso partindo de que haja um acolhimento –, satisfazendo o urgente por meio da ação específica e libidinizando.

Assim como a música, em um processo ritmado, esse outro que atende vai estabelecendo o acolhimento necessário para que o bebê sintase olhado como outro. Nesse sentido, podemos pensar metaforicamente no ritmo como o compasso na música. O compasso é caracterizado por uma divisão quantitativa de sons; essa divisão baseia-se no tempo da música e se dá em pequenas partes igualmente espaçadas com base em batidas e pausas. Os compassos facilitam a produção musical, ao definir a unidade de tempo, o pulso e o ritmo da composição ou de partes dela.

Dessa forma, o ritmo vai facilitando a execução da constituição daquele psiquismo no sentido em que define períodos que asseguram ao recém-nascido a presença do outro que acolhe. O ritmo dessa música de inaugurações permite compor a fantasia e o adiamento de prazer – “posso esperar porque sei que este que me cuida em algum momento vai me atender e suportar meus quereres”. Para que se faça possível essa composição, se mostra de extrema importância o reconhecimento desse bebê como diferente de si, olhando-o sobre a égide da castração e recalçamento, como sujeito de inconsciente atravessado pela

## ARTIGO

alteridade. É a partir do reconhecimento da alteridade que se faz viável evitar um excesso de presença ou excesso de ausência, viabilizando a compreensão da necessidade do outro como um outro em si, sujeito de desejo. O desejo ergue-se no espaço de falta, no intervalo entre a necessidade e o atendimento desta. Segundo Forrester (2009), o processo descrito compreende as teses fundamentais que sustentam a teoria psicanalítica do psiquismo a partir de uma ontologia do desejo.

Refletindo acerca desse espaço para que possam advir a fantasia e o desejo, parece lícito pensarmos que esse processo que leva à satisfação e que vai gerar prazer não é contínuo, prescindindo de um sistema secundário que detenha a transformação direta da memória em percepção (alucinação) para vir a responder às exigências da vida e da autopreservação. A atividade secundária visa a deter o processo regressivo, impulsionando o aparelho a continuar a trabalhar na busca da realização do desejo por um meio mais eficaz e criativo. Desse modo, a regressão é inibida pela atividade do pensamento, que entra em cena para substituir a atividade alucinatória – o pensamento consiste em uma transformação do desejo alucinatório. É importante ressaltar que ambos promovem o adiamento da satisfação. Quanto mais complexizado for constituindo-se o ego, maior a possibilidade de fazer o movimento no sentido de adiar a descarga.

O trabalho da constituição é interminável, esse processo não cessa. Recebemos diariamente na clínica pessoas que, por não poderem falar do que dói, fazem-se dizer. Esse sujeito chega com suas marcas, carrega em si o montante vivido nos inícios, na origem. Reflexionando acerca do traumático constituinte – as primeiras inscrições e sensações, faz-se plausível pensarmos que esse sujeito, por mais neurótico que possamos compreendê-lo enquanto estrutura, encobre dentro de si fragmentos primitivos que, a partir do *setting*, Sitio ou enquadre – dependendo de onde teoricamente se parte –, mostram-se pela via do sensório onde “as sensações desagradáveis continuam a vibrar em alguma parte do corpo” (Fontes, 2010, p. 21), como muito bem coloca Fontes a partir de S. Ferenczi. Essa interrogação surge a partir da experiência clínica enquanto analista em formação quando um paciente, acompanhado em supervisão e partindo da compreensão de uma neurose, passa por me cegar em sessão. Não metaforicamente, mas no real do corpo, fico com a visão inebriada e constantemente turva, gerando a sensação de estranheza. Do que se trataria? – me pergunto. O que me fazia não o enxergar com nitidez?

Ao longo dos encontros, entendo que o menino-homem de olhos estonteantemente marcantes (e também assustados) mostra-se com dificuldade em olhar para situações em que permeiam a dor e a dúvida de si. Questiona sua capacidade de causar uma marca no outro. Percebo então que a dificuldade não está em olhar para si, mas na interrogação que faz quanto ao olhar do outro sobre ele desde o princípio. Esconde-se por detrás de um véu da hostilidade e concretude que afasta, que não dá chances. O que ele não espera é a transparência do véu que escolhe. A imagem que faz de si não é eficaz, não dá conta.

Na tentativa de compreender tamanha hostilidade dos primeiros encontros, me ocorre a imagem de dois animais acuados um em cada canto da sala e, nesse momento, me questiono: “O que me acuava? O que o acuava?” Não tinha respostas, apenas sensações. O menino dos olhos marcantes me intrigava, ao mesmo tempo que discursava sobre sensibilidade, atuava rigidez, tentava me afastar, tentava incessantemente não se deixar tocar.

Enquanto reflexionava sobre os efeitos desse paciente em mim, me ocorre

uma passagem do fotógrafo Sebastião Salgado. Na primeira parte do livro *Da minha terra à Terra*, Sebastião descreve sua vivência estética ao encabeçar um de seus maiores projetos, chamado “Gêneses”. Aproximando do leitor sua experiência ao tentar fotografar uma tartaruga, relata:

Quem não gosta de esperar não pode ser fotógrafo. [...] deparei-me com uma tartaruga gigantesca, enorme [...] cada vez que me aproximava, a tartaruga se afastava. Ela não era rápida, mas eu não conseguia fotografá-la. Então refleti e pensei comigo mesmo: quando fotografo seres humanos, nunca chego de surpresa, sempre me apresento. Depois me dirijo às pessoas, explico, converso e, aos poucos, nos conhecemos. Percebi que, da mesma forma, o único meio de conseguir fotografar aquela tartaruga seria conhecendo-a; eu precisava me adaptar a ela. Então me fiz de tartaruga: fiquei agachado e comeci a caminhar na mesma altura que ela, com palmas e joelhos no chão. A tartaruga parou de fugir. E quando se deteve, fiz um movimento para trás. Ela avançou na minha direção, eu recuei. Esperei um momento e depois me aproximei, um pouco, devagar. A tartaruga deu mais um passo na minha direção [...] então ela veio até mim e se deixou observar tranquilamente. [...] levei um dia inteiro para me aproximar dessa tartaruga. Um dia inteiro para fazê-la compreender que eu respeitava seu território. [...] é preciso ter paciência para esperar o que vai acontecer [...] Na maioria dos casos, não há como acelerar os fatos. É preciso descobrir o prazer da paciência (Salgado, 2014, p. 9).

Salgado, com esse pequeno recorte, fez movimentar questões importantíssimas que possibilitaram abrir para o pensar e compreender a ética da espera. Quem não gosta de esperar tampouco pode ser analista. Aquilo tudo que ecoava em mim, que inundava em sessão, perpassava por ele e assim me comunicava a dor de ser o que era. Diferente de Sebastião, não me fiz de tartaruga, mas passei a enxergá-lo dentro da sua singularidade, como outro diferente de mim, possibilitando entender que aquilo tudo que se passava dizia justo respeito ao que se queria dizer e que não era possível ainda, que não era meu – dessa forma conhecendo-o. Compreendi o que tais olhos me comunicavam, o seu tempo era outro... O corpo precisava tomar palavra e, para isso, a confiança se colocava como chave. Após alguns encontros, estabelecemos um ritmo frequencial, com horário e dias seus. O compasso que orquestrávamos foi sedimentando a relação e a confiança, viabilizando o sonhar e aos poucos transformando a dor em metáfora – sempre em movimento progressivo e regressivo.

Com silêncios estendidos, fomos trabalhando no sentido de compreender a que dores se referia, o que o assustava. Ao longo dos encontros o silêncio vai transformando-se em palavras e reflexões, até o dia em que refere ter se dado conta de que enxergar algumas coisas dói. Enxergar machuca, mas não enxergar o mantinha aprisionado ao sintoma. Sentimos, e desse sentir abriu-se a possibilidade de pensar e reconhecer-se enquanto sujeito incompleto, de falhas. As dores eram tentativas de habitar-se enquanto corpo erógeno, cede de prazer. A alucinação visual descortina a fantasia de não ter sido visto enquanto outro, enquanto sujeito desejante e singular. Ivanise Fontes, psicanalista e doutora pela universidade Paris 7, escreve em *Psicanálise do sensível* que

a transferência é propícia ao despertar da memória corporal do paciente. Na relação analítica, entre os fenômenos que fazem aparição, o analisando pode sentir experiências sensoriais já vividas, revelando assim que elas

fazem parte de sua história. A história do indivíduo ficou em seu corpo (Fontes, 2010, p. 17).

Segue trazendo como referência o texto de Freud *O homem Moisés e a religião monoteísta* de 1939, onde o autor retoma a noção de impressões precoces destacando que “Essas experiências inaugurais produzem fortes impressões e são relativas ao corpo próprio ou à percepção sensorial principalmente de ordem visual e auditiva” (2019, p. 161). O menino dos olhos não sentia-se antes menino dos olhos de alguém, agora encontra quem pode enxergá-lo através do véu que coloca, possibilitando olhar-se com clareza. Oferecer um espaço de escuta, ritmado, assegurado pela diferença e compreendido pela sensibilidade de uma relação propicia inaugurações. Esse sujeito também chega prescindindo de um outro que o escute na sua dor, que o reconheça naquilo que pode ser no momento. Esse que escuta gera excitação e ao mesmo tempo acalma, possibilitando pela via da transferência comunicar. Regride ao polo perceptivo, revivendo impressões sensoriais que, via contratransferência, sentimos e nos interrogamos. Aí encontramos a estética da escuta, no *estranho* que perpassa pelo sensível do analista e que diz respeito ao sensório daquele posto à nossa frente – inicialmente é do sentir, para mais tarde vir a ser do sentido. Talvez esse seja o prelúdio de um vir a ser analista.

No divino impudor da mocidade,  
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,  
Num frémito vibrante de ansiedade,  
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...  
A nuvem que arrastou o vento norte...  
– Meu corpo! Trago nele um vinho forte:  
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dalias vermelhas no regaço...  
São os dedos do sol quando te abraço,  
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos  
Vão-te envolvendo em círculos dantescos  
Felinamente, em voluptuosas danças...  
Florbela Espanca

#### REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (1989). **O Eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Couto, M. (2009). **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das letras.
- Espanca, F. (2018). **Poetas de Lisboa: Camões, Cesário, Sá-Carneiro, Florbela, Pessoa**. 3a ed. Lisboa: Lisbon Poets & Co.
- Fédida, P. (1985) La construction – introduction a une question de la mémoire dans la supervision, in “**Revue Française de Psychanalyse**”, tome XLIX, Paris, PUF
- Fontes, I. (2010). **Psicanálise do sensível: fundamentos e clínica**. São Paulo: Ideias & Letras.

- Forrester, J. (2009). **A interpretação dos sonhos: a caixa-preta dos desejos** (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Fontes, I., & Cunha, E. (2012). Alucinação e delírio na obra de Freud: produção de desejo. **Cad. psicanal.**, **34**(26), 145-158.
- Freud, S. (1969). **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 12, pp. 277-286). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1972). **A interpretação de sonhos** (Edição Standard Brasileira, Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974). **Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos** (Edição Standard Brasileira, Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Freud, S. (1976a). **Além do princípio do prazer** (Edição Standard Brasileira, Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976b). **O ego e o id** (Edição Standard Brasileira, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1977). **Projeto para uma psicologia científica** (Edição Standard Brasileira, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2006a). **Construcciones en el análisis** (Obras completas, Vol. 23, pp. 257-270). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (2006b). **Sobre los recuerdos encubridores** (Obras completas, Vol. 3). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (2015). **Sobre a dinâmica da transferência** (Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 6). Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (2019). **Fundamentos da clínica psicanalítica** (Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 6). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Kupermann, D. (2008). Presença sensível. **J. psicanal.**, **41**(75).
- Roza, G., & Alfredo, L. (1993). **Introdução à metapsicologia freudiana: interpretação do sonho** (1900). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Salgado, S. (2014). **Da minha terra à Terra: pela primeira vez, o maior fotógrafo do mundo conta sua história**. São Paulo: Paralela.
- Schiller, F. (2018). **Objetos trágicos, objetos estéticos**. Belo Horizonte: Autêntica Editor.